

## O PAÍS DO SINCRETISMO NA CONTRAMÃO DA TOLERÂNCIA: DIVERSIDADE, RELIGIÃO E GÊNERO NA PERSPECTIVA CARISMÁTICA

*Frederico Alves Mota\**

**Resumo:** A exposição constante por parte do movimento conhecido como Renovação Carismática Católica na defesa de uma sexualidade restrita à heterossexualidade associada a frequentes ataques às religiões afro brasileiras vem se configurando em mais um dos pontos em evidência no disputado campo religioso brasileiro. No decorrer dos anos, os carismáticos vem deixando explícito um posicionamento alinhado às práticas neopentecostais que condena a prática homossexual e as práticas religiosas afro-brasileiras por meio de sua literatura e das mídias digitais. Contudo, condenar parece ser uma forma de resignificar as mediações mágicas e as experiências de avivamento. Entendemos que esses discursos precisam ser analisados com cautela, pois os mesmos podem justificar práticas intolerantes. Para o desenvolvimento da análise utilizamos como fonte os discursos produzidos e comercializados por lideranças do movimento carismático brasileiro em diálogo com a literatura que trata das religiões de origem afro.

**Palavras-chave:** Religiões afro-brasileiras, homossexualidade, Renovação Carismática Católica, preconceito.

---

\* Mestre em História pelo Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Estadual de Montes Claros/ Unimontes. ( fred.historia@yahoo.com.br )

### **SYNCRETISM COUNTRY AGAINST TOLERANCE: DIVERSITY, RELIGION AND GENDER PERSPECTIVE IN THE CHARISMATIC**

**Summary:** The constant exposure by the movement known as Catholic Charismatic Renewal in the defense of a restricted sexuality to heterosexuality associated with frequent attacks on african Brazilian religions has represented in most of the evidence points in the disputed Brazilian religious field. Over the years, the charismatic has left explicit positioning condemning homosexual practice and african-Brazilian religious practices through its literature and digital media. However, condemn seems to be a way to reframe magical practices and the revival of experiences. We understand that these speeches need to be analyzed with caution, as they may justify intolerance by those who condemn them. For the development of analysis used as a source produced and marketed speeches by leaders of the Brazilian charismatic movement in dialogue with the literature that deals with the african origin of religions.

**Keywords:** african-Brazilian religions, homosexuality, Catholic Charismatic Renewal, prejudice.

### **PAÍS SINCRETISMO CONTRA TOLERANCIA: DIVERSIDAD, RELIGIÓN Y LA PERSPECTIVA DE GÉNERO EN LA CARISMÁTICA**

**Resumen:** La exposición constante por el movimiento conocido como Renovación Carismática Católica en la defensa de una sexualidad restringida a la heterosexualidad asociada con frecuentes ataques contra las religiones brasileñas africano ha representado en la mayor parte de la evidencia apunta en el campo religioso brasileño disputado. Con los años, el carismático ha dejado posicionamiento explícito alineado con las prácticas neo-pentecostal que condena la práctica homosexual y prácticas religiosas afro-brasileñas a través de su literatura y los medios digitales. Sin embargo, condenar parece que hay una manera de replantear las prácticas mágicas y el renacimiento de experiencias. Entendemos que estos discursos deben analizarse con precaución, ya que pueden justificar prácticas intolerantes. Para el desarrollo de análisis utilizado como fuente producido y comercializado discursos de los líderes del movimiento carismático brasileño en diálogo con la literatura que se ocupa del origen africano de las religiones.

**Palabras clave:** las religiones afro-brasileñas, homosexualidad, Renovación Carismática Católica, los prejuicios.

## INTRODUÇÃO

A prática do homossexualismo quanto do lesbianismo são desordens no plano de Deus [...] A experiência tem mostrado que muitos jovens tornam-se homossexuais por alimentarem a mente com pornografia homossexual, ou por terem experimentado uma só vez para ver como é. Alguns homossexuais chegaram a confessar que começaram por curiosidade e depois não puderam mais parar [...] muitos jovens que na infância passaram por uma experiência assim puderam se tornar pessoas heterossexuais, casados e levando uma vida normal (Grifo nosso) (AQUINO 2004 p.78).

[...] os jovens rapazes que viram no santo adentram numa feminilidade que lhes confere o gênero de “adé.”<sup>1</sup> Os *adés* são sempre homens, e como tal desempenham, uma feminilidade diferente das jovens filhas de santo, ou *yaôs*. Eles desenvolvem o lado espetacular da festa; deles se espera a dança mais sedutora e as roupas mais caprichadas, e todo terreiro se vangloria de tê-los. (BIRMAN 1995 p.07).

As duas citações representam a complexidade que compõe o campo religioso brasileiro. Complexidade que é fruto de nossa formação cultural e também das disputas pela hegemonia neste amplo mercado religioso. Tais disputas que são travadas no campo jurídico institucional, adentraram o campo simbólico e se desenvolveram assumindo contornos peculiares com o avanço do processo republicano brasileiro. Dessa forma, a atual realidade é fruto de uma construção histórica permeada por discursos e representações acerca de um projeto modernizador que traz em seu bojo uma busca histórica pela normatização de posturas e comportamentos tidos como desviantes.

Pierre Bourdieu (1974) trouxe importantes contribuições para o estudo sobre a sociedade ao afirmar que um dos caminhos possíveis para compreendermos o comportamento social, é analisar que tipo de relações de poder se constituem em uma sociedade. Ao buscar delimitar as fronteiras entre magia e religião o autor demonstrou que em uma sociedade hierarquizada os grupos sociais elegem aqueles que são aptos a legitimar as propriedades materiais e simbólicas da mesma. A religião enquanto uma prática social forneceria a seus seguidores o alento que os

---

<sup>1</sup> O termo adé ou adefontó, é utilizado nos terreiros entre o povo do santo para definir um homossexual masculino. Para o respectivo feminino, é utilizado o termo monokó.

livraria das angústias existenciais, mas também serviria ao propósito de justificar uma hierarquia social. Nesse sentido, a teoria do campo religioso - entendido aqui como o espaço onde atuam as forças nos quais os agentes ocupam posições para os quais foram investidos – fornece o suporte necessário para compreendermos os rumos tomados pela sociedade brasileira no que se refere às divergentes visões por parte da Renovação Carismática Católica e a tradição religiosa afro-brasileira frente ao tema da homossexualidade.

O objetivo do presente trabalho é refletir como a moral religiosa carismática, tem desenvolvido um posicionamento que resiste ao diálogo com uma contemporaneidade onde predomina o que Stuart Hall (2005) define como um momento portador de uma crise de identidade. Por outro lado religiões herdeiras da tradição afro-brasileira, assumiram uma perspectiva bem distinta dos cristãos em geral, uma perspectiva mais tolerante e de acolhimento sob vários aspectos. Dessa forma, compreendemos que as diferentes visões fazem com que as divergências entre os mesmos extrapolem o campo cosmológico e ritualístico<sup>2</sup>.

Vagner Gonçalves da Silva (2006) propôs uma reflexão acerca do avanço neopentecostal nas últimas décadas expondo que no Brasil, desde os anos de 1960 os mesmos vinham explorando o ataque às religiões afro-brasileiras através de obras como *Mãe-de-Santo* (1968) de autoria do missionário canadense Walter Robert McAlister. Para Vagner Gonçalves da Silva esse aspecto foi ampliado de maneira que hoje há uma espécie de prática que o autor define como uma “antropofagia da fé inimiga” (SILVA 2006 p. 217).

O movimento carismático brasileiro, enquanto uma resposta ao avanço neopentecostal<sup>3</sup>, criou a partir da década de 1980 uma aproximação que dialoga

---

<sup>2</sup> Observamos na contemporaneidade sujeitos atravessados por discursos de verdade que os classificam de um modo binário: feminino, masculino, hetero e homossexual – um normal/hetero e outro anormal/homossexual – Diante da atual conjuntura de crise de identidades busca-se operar com um conceito muito mais amplo de “classificação” que rompe com uma perspectiva reducionista de dualismo.

<sup>3</sup> O início da utilização da televisão como meio de evangelização pelos católicos se deu nos Estados Unidos a partir do americano, católico e empresário Bobby Cavnar, que segundo Brenda Carranza (2000) tinha como meta combater os pentecostais usando de suas técnicas, assim como, afastar a América Latina da influência crescente da Teologia da Libertação e do pensamento comunista. A Igreja Católica assumiu então a sua posição no mercado do televangelismo ora fazendo uso de técnicas semelhantes aos pentecostais, mas com um claro posicionamento de combate aos mesmos. Estava estabelecido um novo campo de disputas.

com práticas do neopentecostalismo, de maneira que muitos pesquisadores denominam a Renovação Carismática de pentecostalismo católico. A glossolalia, o transe no espírito e os exorcismos, tão divulgados pelos carismáticos, comportam traços fortemente influenciados pelo neopentecostalismo<sup>4</sup>. Dessa forma, entendemos que o conceito de Vagner Gonçalves da Silva de antropofagia da fé inimiga nos parece uma categoria de análise relevante ao tema em questão neste artigo.

Para o desenvolvimento da análise foram utilizadas como fontes obras produzidas por lideranças da Renovação Carismática Católica brasileira entre os anos de 2003 e 2005. Tal material foi analisado a partir de conceitos oriundos da análise do discurso tornando possível captar os interdiscursos presentes nas fontes. Dessa forma objetivamos nos aproximarmos de qual o sentido das relações hetero e homossexuais na atual conjuntura brasileira a partir da perspectiva de dois grupos religiosos distintos.

No que se refere à Análise do Discurso, enquanto metodologia, entendemos que todo discurso traz em si interesses e sua funcionalidade dependerá da autoridade de quem o profere. A linguagem é carregada de intencionalidade e fruto de processos históricos, por isso a sua análise não pode estar desvinculada da conjuntura em que foi produzida. Segundo Eni Orlandi (2002), devido a este posicionamento é que se torna necessário ao pesquisador considerar o espaço em que cada discurso foi produzido assim como as instituições e os embates históricos nos quais se insere.

O discurso é lugar de embate, é produtor de poder e tem como uma de suas funções submeter as forças que venham ameaçar uma posição hegemônica. Dentro deste processo as condições de produção de um discurso necessitam fazer uso de formações imaginárias que são responsáveis por estabelecer hierarquias entre as posições de quem fala, assim como a do receptor. Partindo desta perspectiva é que a análise se pautou.

---

<sup>4</sup> Patricia Birman (2006) afirma que a interlocução com o pentecostalismo tem interferido crescentemente no campo religioso brasileiro. Além de promoverem uma ampliação do processo de racionalização da religião, os mesmos tem exercido forte influência sobre os demais seguimentos religiosos que buscam estabelecer nexos entre as suas práticas religiosas e a sociedade. Torna-se relevante compreendermos como os grupos religiosos associam suas práticas a outras questões e seguimentos, a aspectos e categorias correntes na vida social.

## **EXPANSÃO DA MORAL BURGUESA NO BRASIL: O DISCURSO NORMATIZADOR**

Com o advento da modernidade e a eclosão do modelo de Estado cunhado pelos valores burgueses, destacou-se uma perspectiva de Estado laico em prol da retirada da religião do espaço público. No Brasil, a separação jurídica entre Estado e Igreja se deu em meados de 1891 com a promulgação da primeira Constituição Republicana. Entretanto, as relações entre religião e sociedade não podem ser compreendidas meramente pelo viés jurídico/institucional. Paula Montero em artigo intitulado, *Religião, Pluralismo e Esfera Pública no Brasil* destaca que:

No processo de constituição do nosso Estado moderno como esfera política própria, ao passo que houve um retraimento do catolicismo para o espaço social, produziu-se um intenso conflito em torno da autonomia de certas manifestações culturais de matriz não cristã, ou da legitimidade para expressar-se publicamente. Assim, no processo mesmo de constituição do Estado brasileiro como esfera separada da Igreja Católica, manifestações variadas de “feitiçaria”, “curandeirismo” e “batusques” só puderam ser descriminalizadas quando, em nome do direito à liberdade de culto, passaram a se constituir institucionalmente como religiões (MONTERO 2006, p. 50).

A exposição da autora deixa claro que a conformação do Estado republicano veio acompanhada de uma visão modernizadora e de uma série de medidas sanitárias que buscavam “organizar” o espaço público. Seguindo essa perspectiva de implantação de uma ordem pública moderna a normatização de comportamentos alvejou tanto as práticas religiosas afro brasileiras quanto as práticas sexuais tidas como desviantes. Criou-se, portanto um padrão classificatório que não se restringiu à aplicação de normas aos espaços públicos. Havia uma necessidade de ampliar tais padrões para a esfera privada estabelecendo uma moralidade nitidamente alinhado à moral cristã, apesar das tendências que propunham a construção de um conceito de cidadania que se afastasse das influências religiosas.

Nas primeiras décadas da república as praticas médico sanitaristas trouxeram a tona um discurso que nas entrelinhas deixava a entender que “só restringindo a sexualidade do homem à heterossexualidade no casamento é que se poderia evitar a decadência e a doença.” ( FRY, 1982 p. 96 ) Com isso, apesar do fim do

Padroado<sup>5</sup> o discurso que por muito tempo foi produzido por instituições religiosas de matriz cristã agora tem um novo representante: a medicina. Não demorou para que esta concepção associasse tanto os cultos afro brasileiros quanto a homossexualidade a uma questão patológica, justificando inclusive a intervenção policial junto aos terreiros de candomblé sob a alegação de que os mesmos praticavam o curandeirismo, ou seja, exerciam de forma irregular a prática da medicina.

Peter Fry analisando o período fez considerações acerca da medicina naquele momento ao dizer que: “ de fato ela apenas desloca a homossexualidade do campo do pecado para o controle muito mais totalizante da medicina” (FRY 1982 p. 96). O discurso higienista e as teorias raciais influenciadas pelo pensamento Darwinista permitiram uma nova estratégia no combate àqueles setores caracterizados pelos grupos dominantes como moralmente desviados. Nesse sentido, buscou-se “normatizar as condutas sexuais e afetivas do conjunto da população” (ENGEL 1997 p. 310).

Luiz Mott dialoga com o argumento de Fry ao comentar, como naquele período discurso normatizador passou a constituir a noção de sujeito normal a partir da necessidade de se proteger os valores morais tradicionais, por isso: “ à policia competia zelar pela moral e bons costumes, coibindo os abusos e atentados ao pudor. A cruz e a espada sempre estiveram juntas na repressão aos homossexuais e travestis – ontem e hoje” (MOTT 1988 p. 90).

Já na década de 30 do século XX, a polícia juntamente com os órgãos da saúde pública eram encarregados de “apreender” homossexuais e enviá-los a centros especializados em detectar as causas biológicas e sociais do comportamento desviante destes indivíduos, cabendo ao médico sugerir o que Peter Fry chama de “ação médico correccional “ (FRY, 1982 p. 102).

---

<sup>5</sup> No decorrer da história do Brasil Imperial o tratamento não havia mudado muito já que, desde a colônia o Padroado garantia que as relações do Estado para com a Igreja fossem de mutualismo. Portanto, homossexuais e africanos permaneceram tendo suas práticas consideradas como heréticas e profanas. Entretanto, segundo Roger Bastide a partir da “ segunda metade do século XIX, o número de negros libertados vai aumentando, permitindo u’a mais fácil solidificação das crenças africanas no novo habitat.”<sup>6</sup> Porém, apesar deste desenvolvimento, o fim do século XIX e o início do século XX demonstrará que o imaginário depreciativo acerca destas minorias ainda prevalecerá.

É notório que o início do século XX caracterizou-se pelos avanços científicos pautados em pressupostos racionais, o que contribuiu para que o paradigma científico se consolidasse junto à sociedade ocidental e claro, isso inclui a sociedade brasileira. Segundo acreditava-se graças ao seu constante aperfeiçoamento a ciência estaria aproximando-se cada vez mais da verdade e do conhecimento total da realidade. Seu aval passou a ser fundamental para o enraizamento de certos tipos de discursos de verdade, muitos dos quais perdurariam por muito tempo no imaginário popular preservando alguns dos inúmeros preconceitos que se manifestam na atualidade.

A sociedade não permaneceu alheia a toda esta efervescência. A mobilização de setores favoráveis e contrários a tais medidas saneadoras produziu um emaranhado de concepções acerca do que era religião, curandeirismo, feitiçaria ou charlatanismo. Dessa forma, os debates foram travados no campo jurídico/institucional, mas sobretudo no campo simbólico atravessando praticamente todo o século XX sem alterações significativas. Ao que parece, tal batalha continua sendo travada na sociedade brasileira contemporânea. Luiz Mott, no livro: *Escravidão, Homossexualidade e Demonologia*, esclarece que:

“Estudar outras expressões sexuais deve contribuir para uma maior tolerância e abertura no nosso relacionamento pessoal ou social com as assim chamadas “minorias sexuais”, que do mesmo modo que certas minorias étnicas, são alvo de injusta discriminação e prejuízos sociais” (MOTT, 1998 p. 145).

Recentemente, os veículos de comunicação cederam espaço a uma polêmica gerada a partir da utilização de símbolos religiosos cristãos durante a parada do orgulho LGBT em São Paulo. Tal polêmica acirrou os debates ligados aos seguimentos religiosos cristãos que se sentiram vilipendiados. Por outro, o movimento LGBT se defendeu atacando alguns seguimentos cristãos, qualificados por eles como homofóbicos. Dessa forma, julgamos pertinente analisar aspectos da sociedade brasileira, em especial aspectos do seu campo religioso, entendido aqui como um espaço de disputa pelo monopólio da gestão dos bens de salvação contribuindo para a compreensão de como os debates que emanam do seio da sociedade acabam por se tornar representados no espaço religioso brasileiro.

Este breve retrospecto buscou familiarizar o leitor com o debate visando promover uma maior clareza de como, na história do Brasil, a relação dos grupos domi-



nantes com os grupos estigmatizado foi tratada e se desenvolveu durante o século XX. Julgamos necessário fazer este breve, porém, cirúrgico retrospecto para podermos estabelecer uma relação entre o objeto da análise e o discurso histórico.

## **A CONCEPÇÃO DE HOMOSSEXUALIDADE NOS GRUPOS RELIGIOSOS AFRO BRASILEIROS**

O tema da sexualidade tem se mostrado bastante controverso no decorrer da história. Além de ter sido alvo das mais variadas conotações no decorrer da história da humanidade, trata-se de uma questão tabu na sociedade ocidental. Quando então a discussão acerca da sexualidade está ligada à homossexualidade, os estigmas tornam-se ainda mais evidentes exacerbando-se ainda mais quando estão ligados a outro grupo tradicionalmente estereotipado na história brasileira.

Com os novos aportes teóricos e metodologias que foram adotados pelo estudo da história social, a sexualidade passaria a ser entendida não apenas nos limites da relação sexo / procriação, penetração. O sexo deixou de ser entendido apenas no sentido de restringir relações de procriação passando então a ser visto como um elemento a mais na busca para compreender as relações sociais. É nesse sentido que justificamos a relevância do tema analisado no presente artigo.

Apesar de não fugirem completamente ao modelo de sociedade dominante os grupos religiosos afro-brasileiros apresentam algumas formas de interpretação da sexualidade que em muitos pontos divergem do padrão dominante. As questões ligadas ao gênero são uma clara demonstração de tal afirmação. Não são poucos os pesquisadores que discutiram, por exemplo, o que leva tantos homossexuais a frequentarem os centros e terreiros afro-brasileiros, como é o caso de Ruth Landes e Edson Carneiro. Porém, poucos foram aqueles que tentaram ver esta relação entre homossexuais e tradição religiosa afro brasileira sem um olhar depreciativo<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Estudos contemporâneos tem tratado essa relação de proximidade entre religiões afro brasileiras e grupos socialmente apartados de uma forma mais analítica levando em consideração aspectos simbólicos. Enquanto que na concepção dos carismáticos o desvio deve ser corrigido e adequado à norma [...] nas religiões afro brasileiras aceita-se a margem não para transformá-la, mas para consagrá-la em seu poder contestador (afinal os próprios deuses podem ser falíveis, egoístas, malandros, adúlteros, vingativos ou exercerem uma espécie de homoerotismo), tudo isso sem culpas a expiar ou desafios a cumprir. (SILVA 2006 p. 225)

Uma das chaves para se compreender as questões de gênero dentro deste contexto religioso está na possessão. Segundo Patrícia Birman (1995), o que confere a um indivíduo um *status* de masculinidade nos cultos em questão é a sua oposição à possessão. Por outro lado, o polo feminino é associado à possessão e aspectos ligados ao núcleo doméstico, por isso:

[...] a possessão institui o feminino que não se apresenta como atributo exclusivo das mulheres. Mas o feminino entre as mulheres parece se efetivar preferencialmente enquanto maternidade, fortemente associada aos trabalhos domésticos. ( BIRMAN, 1995 p. 146)

As relações de gênero dentro deste grupo religioso ultrapassam as definições estabelecidas por uma parcela significativa da sociedade dominante - e isso inclui os seguimentos cristãos - que a reduz a questões biológicas. Este provavelmente é um dos pontos que garante a legitimidade e até mesmo a valorização da presença de homossexuais em seu seio. A título de ilustração podemos mencionar os *ogãs* e as *ekédes*.<sup>7</sup> Birman diz que o primeiro é considerado pelo candomblé como o único grupo portador de uma masculinidade plena, pois dentre os indivíduos do sexo masculino, são os únicos que não exercem a possessão.

No caso das *ekédes*, estas são as únicas do sexo biológico feminino que não exercem a possessão. No entanto, tanto Edson Carneiro, quanto Patrícia Birman são taxativos em afirmar que este grupo, conta com a participação marcante de lésbicas em seu seio, ou seja, estas também estão inseridas em um polo masculino:

[...] não só o campo do feminino não pertence às mulheres como também não é exclusivo dos homens que podem ser identificados como “bichas” [...] qualquer filho de santo pertence a um gênero específico que não se confunde nem com a “bicha” e muito menos com os ogãs, podemos deduzir. Nesse sentido é também um gênero, gênero marcado pela ambiguidade. (BIRMAN, 1995 p. 96)

---

<sup>7</sup> Todos os dois são cargos dentro dos candomblés. O primeiro diz respeito aos tocadores de atabaque, que em algumas nações também podem ser chamados de Alabés. O segundo faz referência àquelas mulheres que ajudam os filhos de santo quando estão incorporados com seus respectivos Orixás. O cargo de ogã também pode ser emitido a título de homenagem para alguma figura da sociedade que, por algum motivo venha a ter alguma ligação com o terreiro. Porém, não é a este segundo caso que nos referimos nesta passagem.

No que diz respeito à Umbanda, são frequentes as interpretações de que nesta, a homossexualidade é proibida. O que ocorre é que na Umbanda não há uma construção tão bem elaborada quanto no Candomblé. Não existe uma postura condenando estas práticas, pois se trabalha com uma perspectiva em que cada indivíduo é responsável pela própria vida cabendo a ele prestar contas aos seus guias espirituais. Birman mais uma vez comenta esta postura dizendo que: “nesse grupo assim constituído não há diferença sexual, nem diferença de relações: todos pertencem ao mesmo sexo e, ao lado disso, todos são parentes por compartilharem da mesma relação de filiação” (BIRMAN, 1995 p. 129).

A incompreensão por parte de setores da sociedade brasileira no que diz respeito às práticas religiosas afro-brasileiras não se restringe, portanto, ao argumento do exótico. Na obra *Sim, Sim! Não, Não!* que vendeu, segundo a editora Canção Nova, mais de 400 mil cópias e encontra-se proibida pelo Ministério Público, o autor Monsenhor Jonas Abib declara abertamente que seu posicionamento frente as religiões afro-brasileiras “Não é intolerância, nem discriminação. Isso é coerência com a verdade revelada” (ABIB 2003 p. 73). Para o mesmo, esta coerência com a verdade revelada justificaria a sua defesa em prol de uma sociedade brasileira livre de misturas:

Por que as finanças no Brasil vão mal? Por que há tanta corrupção, tanta depravação? Por que se corrompem as filhas lindas e os filhos maravilhosos do povo brasileiro? Porque infelizmente nossa nação continua insistindo nas misturas: no sincretismo. O Deus que purificou Gedeão quer nos purificar. Mesmo que fiquemos com apenas trezentos. Será o 1% fiel que vai salvar esta nação. Para a libertação do povo brasileiro não podemos admitir misturas. É preciso dizer não a toda forma de sincretismo. Precisamos salvar todos os nossos irmãos que vivem na ignorância; os que trouxeram esta cultura afro de seus ancestrais (ABIB 2003 p. 46).

A moral religiosa compartilhada por aqueles que se fazem presentes neste grupo de fiéis, em muitos aspectos diferem dos que se fazem presentes nos grupos de tradição afro brasileira. A grande presença de grupos sociais marginalizados serviu e ainda serve de justificativa para a associação destas religiões como sinônimo de baderna, marginalidade e impureza. Podemos inferir que essa relação entre as religiões afro-brasileiras e grupos sociais discriminados como uma busca por representatividade e legitimação, ou como afirma Reginaldo Prandi ao dizer que:

Demandas por religiões e crenças dependem sim do movimento de constituição de etapas dessa ordem social estruturada em classes e grupos sociais, mas que podem ser demandas de grupos que buscam na religião uma forma de expressar-se na sociedade, demandas que procuram a definição do indivíduo para si mesmo, antes de mais nada, independente de sua cor, profissão, classe social etc (PRANDI,1991 p. 62).

A História tem demonstrado que o lugar que foi relegado ao homossexual em nossa sociedade é um tanto secundário. Aqueles que tiveram, e até certo ponto, ainda tem seu papel negligenciado no desenrolar dos fatos já algum tempo tem sido classificados pela História Social como “excluídos da História.” Alguns questionamentos levantados por esta perspectiva tem contribuído para um novo olhar acerca das relações sociais e compreensão do processo de desconstrução de preconceitos no desenlace da história da humanidade e nas maneiras como a sociedade se constitui.

No caso da relação entre homossexuais e as religiões afro-brasileiras, o que realmente não é levado em conta é o fato de que muitas vezes o que leva o homossexual a buscar outro grupo também marginalizado – além é claro, da sua identificação com o objeto do sagrado - é justamente a possibilidade de estar manifestando a sua sexualidade sem culpa. Portanto, é a necessidade de buscar um espaço onde haja um sentimento de identidade e pertencimento que – pelo que será demonstrado através da análise das fontes selecionadas entre os textos carismáticos – geralmente não é proporcionado pelas religiões cristãs, é que faz com que tantos homossexuais busquem os terreiros. Com isso:

Na prática, enquanto grupo de culto, comunidade de fiéis, permitirá o trânsito num espaço em que não há separação entre a intimidade e a publicidade. Onde portanto, não há nada a esconder ou reprimir, com relação a si mesmo e com relação aos demais. Onde também, podemos ser, a um mesmo tempo o que somos, o que gostaríamos de ser, e o que os outros gostariam que fôssemos. (PRANDI,1991 p. 73).

No mundo atual nos deparamos com a necessidade de rever posturas. Muitas destas posturas são responsáveis por causar deformações psicológicas aos indivíduos espoliados do direito de desenvolver laços culturais e uma relação identitária com um determinado grupo religioso que o aceita e o permite expressar-se sexualmente da forma que melhor lhe convier. O que estamos afirmando é que não há

recriminação no que diz respeito à opção sexual. Bem diferente, portanto, dos que alegam que nestes espaços religiosos há um desregramento sexual. A literatura especializada no tema afirma que em várias ocasiões ritualísticas especiais a abstinência sexual se faz necessária ( BASTIDE, 1975).

O processo de conformação de identidades é composto através do contato com uma série de referências plurais. Comete um equívoco que acredita que esta construção se dá de uma maneira unilateral e se consolida de uma forma homogênea:

Analisando a conformação das identidades por esta perspectiva, a nossa intenção é a de deixar claro que ao optar, por exemplo, uma religião afro brasileira nada mais é que uma maneira que muitos homossexuais têm de afirmar sua sexualidade. Um lugar onde o homossexual é acolhido como sujeito que tem o direito de expressar a religiosidade. Esta escolha acaba por se tornar mais um dos fatores que legitimará sua orientação reforçando a construção e consolidação de sua identidade homossexual que agora pode ser exercida sem sentimento de culpa junto ao seu grupo religioso. Não estamos afirmando que todos os frequentadores e iniciados sejam homossexuais nem que os homossexuais só buscam as religiões afro-brasileiras devido à sua tolerância com relação a suas práticas. Na verdade, o que estamos afirmando é que para muitos homossexuais as religiões afro-brasileiras servem como um espaço que fortalece sua afirmação sexual e a construção de sua identidade social. Erving Goffman analisando a construção de estigmas diz que:

O que se sabe é que os membros de uma categoria de estigma particular tendem a reunir-se em pequenos grupos sociais cujos membros derivam todos da mesma categoria, estando esses próprios grupos sujeitos a uma organização que os engloba em maior ou menor medida. (GOFFMAN 1983 p. 32).

Dessa forma após analisarmos estes aspectos podemos perceber que a postura dos autores carismáticos em condenar as religiões afro-brasileiras e pregar uma sexualidade limitada à heterossexualidade e o homossexual é compreendido como um doente que necessita de uma cura, demonstra que esta postura diverge drasticamente do ponto de vista das religiões afro-brasileiras que, além de valorizar a presença destes indivíduos junto ao seu grupo de fiéis os considera fundamentais para o desenvolvimento de uma bela cerimônia, do ponto de vista estético.

Ao entender as religiões afro-brasileiras, assim como a prática da homossexualidade como pecado e fruto da ação do demônio os carismáticos reforçam o resgate no imaginário popular de uma figura que a várias gerações acompanha o cristianismo, o diabo. Alegando que este ser exerce poder sobre as pessoas ao determinar os rumos de sua sexualidade o mesmo responderia por todo o tipo de adversidades cotidianas. Dessa forma, caberia aos carismáticos oferecer a resposta contra as artimanhas do inimigo, no entanto, de uma maneira sutil descaracterizar a lógica mágico/ religiosa do outro acaba por se tornar uma maneira de enfatizar que a inversão coloca em evidência uma versão. A versão “mágico” carismática.

### A ANÁLISE DAS FONTES

A reação conservadora que atualmente presenciamos por parte da RCC, tem nas questões morais uma das suas principais bandeiras. A reafirmação de valores que pregam a abstinência sexual e a exaltação da heterossexualidade são uma das principais formas de manter o controle sobre o cotidiano de seus fiéis. Um dos alvos desta ofensiva é a juventude que tem uma participação efetiva junto ao movimento onde são: “uma prioridade em todas as atividades programadas, sejam rebanhões, retiros, barzinhos de Jesus, encontra-se a mesma preocupação de moralização da juventude nos moldes éticos propostos pela RCC” (CARRANZA, 2006 p. 56).

Ao analisarmos as obras da literatura produzida pelo movimento Carismático encontramos citações do tipo: “Para que a iniquidade seja banida é preciso que jovens como você vivam na essência de Deus. Ele não criou o homem imaginando que um dia este ficasse efeminado” (DUNGA, 2005 p. 31). Ou quando algum líder do movimento expõe um ponto de vista como:

Você entendeu porque não podemos frequentar esses centros e terreiros? Entendeu porque não devemos nos meter nessas questões de bruxos e feiticeiros? Nem mesmo por brincadeira? Nem mesmo por folclore? Nem mesmo sob a alegação de que se trata de “cultura afro”? Você entendeu porque não podemos nos expor e principalmente expor nossas crianças aos espíritos malignos nas costumeiras festas das bruxas, de Cosme e Damião e Iemanjá? (ABIB, 2003 p. 70).

Nas palavras do Monsenhor Jonas Abib a importante contribuição dada pela cultura afro deve ser exorcizada. Contudo chamamos a atenção para o fato de que alguns elementos presentes na cultura religiosa afro brasileira são resignificados nos encontros carismáticos. Podemos citar como exemplo o ato de cantar para receber o santo, ou na versão carismática, louvar para repousar no espírito<sup>8</sup>.

São posicionamentos como este, que nos levam a crer que para a RCC há uma necessidade de estabelecer um controle rígido sobre os aspectos pessoais da vida de seus seguidores. Para isso muitas vezes suas lideranças recorrem a processos de resignificações que promovem uma experiência nova para alguns, e para outros que abandonaram recentemente os cultos afro brasileiros uma experiência que dialoga com o passado recente.

É comum nas pregações carismáticas e na literatura produzida pela mesma, a recorrência a textos bíblicos para justificar a sua postura. Por outro lado o estudo da Bíblia por especialistas como o Pe. Daniel Helminiak (1998) apontou incoerências em uma série de interpretações tradicionalmente levadas ao pé da letra. De acordo que os estudos avançam novas questões vem sendo desvendadas sugerindo significados distintos daqueles que por hora foram tomados como a interpretação exata.

Uma das passagens bíblicas mais citadas para fazer referência à homossexualidade é a passagem que fala de Sodoma e Gomorra. Helminiak expressa a ideia de que “os ensinamentos da Bíblia só podem ser aplicados hoje na medida em que a antiga compreensão destes mesmos comportamentos ainda for válida” (HELMINIAK, 1998 p. 24). O autor trabalha com o argumento de que não se deve esperar que este livro expresse uma opinião sobre questões atuais, pois ele faz parte de um contexto absolutamente distinto.

---

<sup>8</sup> Em artigo intitulado *Bailando com o Senhor: Técnicas corporais de culto e louvor*, Raymundo Heraldo Maués analisou que [...] Na RCC as técnicas corporais que envolvem estados alterados de consciência – com maior ou menor intensidade – estão relacionadas ou com a ação do Espírito Santo sobre os fiéis ou, ao contrário, com a possessão demoníaca, que pode manifestar-se, de forma mais ou menos evidente, em pessoas que, em termos *nativos*, “não têm Deus em suas vidas”. No primeiro caso trata-se de fiéis que, iniciando-se na Renovação, recebem os “dons do Espírito”, ou são por Ele tocadas, podendo, em razão disso, manifestar em seus corpos fenômenos como a glossolalia e o chamado “repouso no Espírito”, além de outros (MAUES 2003 p. 22).

O ponto central da passagem de Sodoma e Gomorra, segundo Helminiak refere-se à falta de hospitalidade por parte dos habitantes das cidades. Na verdade, o pecado de seus habitantes, analisado considerando seu contexto teria sido o mau recebimento aos anjos enviados por Deus àquela cidade. Sendo a hospitalidade um hábito muito valorizado na época, tal rejeição aos anjos de Deus foi vista como uma grande ofensa.

Seja como for, não pretendemos nos estendermos nesta questão já que, nosso foco é outro. Porém, voltamos a este ponto para demonstrarmos o quanto os fatos – dependendo da perspectiva em que são analisados – podem levar a análises que são passíveis de resignificação, muitas delas perigosas.

Deixaremos as questões bíblicas para aqueles que estejam mais aptos a desvendá-las, cabendo-nos neste momento apenas demonstrar como a leitura tendenciosa de alguns grupos cristãos sobre os textos favorece o fortalecimento de valores ortodoxos e preconceituosos para assim legitimar uma postura que não leva em conta o direito de escolha de outros indivíduos. Erving Goffman diz que: “construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças” (GOFFMAN, 1983, p. 15).

Ao tratar as práticas homossexuais considerando-as inadequadas, os carismáticos de forma indireta se colocam do lado oposto ao que é difundido por grande parte das religiões afro-brasileiras. Sempre que uma liderança carismática afirma em suas obras que:

A tendência ou a tentação ao homossexualismo não é pecado, mas se torna pecado se houver o consentimento e a prática de ato sexual com pessoa do mesmo sexo.<sup>9</sup> Ou então que: “Renuncie diante de Jesus, sempre que puder na Eucaristia e diante do Sacrário ao pecado do homossexualismo, e peça sem cessar e sem desanimar a sua cura”(GRIFO NOSSO) (AQUINO, 2004 p. 79).

Está claro que por mais que os carismáticos não proibam que os homossexuais circulem em seus meios, as suas práticas são condenadas de forma veemente,

---

<sup>9</sup> AQUINO. *Jovem, levanta-te!* P. 79.



além do que, ainda há uma retomada de aspectos do pensamento higienista propagado em fins do século XIX e início do XX ao tratar o homossexual como um indivíduo doente e merecedor de uma “cura”. “Tal visão, supõe que existiria um modelo subjacente universal e intemporal [...] composto de referências idênticas e independentes das épocas, regiões e sociedades” (GRUZINSKI, 2001 p. 54).

Segundo o Conselho Federal de Psicologia em Resolução no ano de 1999, ficou definido que a homossexualidade não pode ser considerada uma doença, sendo assim, não está passível de uma “cura” como foi afirmado pelas lideranças Carismáticas nas citações anteriores.

A postura carismática só demonstra que a homogeneização moral é uma das principais pedras que calçam suas bases. Tal afirmação é reforçada por uma das principais lideranças jovens do movimento carismático brasileiro ao dizer que:

Deus não fez o homossexual, nem a lésbica. Ele fez o homem e a mulher. Deixe-o devolver a você sua identidade, sua verdade, o amor que procura não precisa ser mendigado, ele é gratuito e genuinamente bom (DUNGA, 2005 p. 25).

Em outra publicação de autoria do Pe. José Augusto *O meu lugar é o céu*, a homossexualidade é vista como um traço da característica que deve ser eliminado a todo custo. É interessante observarmos como o autor sempre associa o caminho da homossexualidade como se este conduzisse ao caminho do mal, do erro e daquilo de deve ser evitado. Para tanto a única forma de se regenerar seria a adoção da heterossexualidade e do exercício da sexualidade apenas após o matrimônio. Na fala do autor fica implícito que a decisão tomada pelo indivíduo o levou a um caminho de redenção:

Um rapaz me contou que havia largado o homossexualismo, os rapazes com quem ele se envolveu não acreditavam na sua mudança de vida tentando induzi-lo ao erro novamente, porém ele foi firme na sua decisão e na entrega a Deus. Hoje ele está noivo e ansioso aguarda o casamento. Não esperou ficar velho para ser do senhor. Todo tempo é hora de recomeçar a vida com Jesus (AUGUSTO, 2003 p. 78).

A postura carismática diante daqueles que possuem estilos de vida diferentes do que é concebido pelo mesmo como a fonte única de salvação é de segregação.

Tal postura só contribui para a manutenção da homossexualidade como uma prática marginal promovendo visões deturpadas em meio a sociedade dos também socialmente apartados cultos afro-brasileiros.

## CONCLUSÃO

Concluimos a nossa análise reconhecendo que durante toda a história republicana brasileira houve avanços e retrocessos referentes à inclusão de seguimentos marginalizados. Na primeira parte deste artigo procuramos de forma sucinta apresentar as visões que buscavam condenar tanto as práticas religiosas afro-brasileiras como a homossexualidade tanto no campo jurídico, quanto simbólico.

Demonstramos que as instituições religiosas exercem influência no processo onde as representações sociais tornam-se uma forma pela qual os indivíduos e seus grupos estabelecem o real (PESAVENTO, 1995). O sistema de representações acerca das religiões afro-brasileiras e a homossexualidade com o qual a Renovação Carismática Católica vem trabalhando nas últimas décadas nos faz refletir em que dimensões o termo renovação se aplica aos carismáticos. A forte influência que o neopentecostalismo exerce sobre o movimento, coloca em xeque a concepção de que o país do sincretismo e da mestiçagem é também um espaço de tolerância.

A análise das fontes nos levou a concluir que em meio à crise de identidades da contemporaneidade, o Brasil vivencia uma articulação entre discursos fundamentalistas. Tais articulações são responsáveis por estabelecer um padrão dicotômico de sociedade que nega a diversidade. Emanam das fontes um discurso que propõe uma espécie de desumanização simbólica, de maneira que tal prática que goza de certa legitimidade social, pois parte de instituições legitimadas socialmente, tem contribuído para a construção de uma cultura de discriminação que afirma categoricamente que o outro pode ser eliminado. Entendemos que é importante analisarmos com cautela tais discursos, pois o holocausto assim como a escravidão negra foi precedida de uma desumanização simbólica que desembocou em uma desumanização literal.

As fontes apontam que existem continuidades e permanências. No caso da homossexualidade combate-se aquilo que é parte da própria instituição. Esta é uma questão complexa na doutrina da Igreja, pois, se o ideal para o homossexual é o celibato, o que sustenta a posição assumida oficialmente que restringe ao homossexual a prática do sacerdócio? <sup>10</sup>

Na obra do Padre Daniel A. Helminiak intitulada *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade* (1998) demonstramos que o autor tenta desconstruir a ideia de que a postura de rejeição do catolicismo com relação à questão está fundamentada em textos bíblicos. Nessa mesma linha, a obra *Fé Além do Resentimento: Fragmentos Católicos em Voz Gay* (2001). A obra é de autoria do Padre e Teólogo James Alysson, assumidamente homossexual e que propõe que a Igreja debata a homossexualidade considerando as questões afetivas, levando em consideração ainda a busca pelo amor esvaziando assim as representações pecaminosas sobre o tema, além disso, o mesmo propõe que ao rever sua posição a Igreja deveria permitir a criação de uma pastoral gay.

Apesar de toda a mobilização por parte de alguns atores sociais e do poder público, a análise das fontes evidenciou que alguns integrantes da Renovação Carismática Católica fizeram a opção pela intolerância. Esta intolerância é direcionada a alguns seguimentos da sociedade que não compactuam com as visões de mundo praticadas por estes membros. Homossexuais, praticantes de outros seguimentos religiosos enfim, o campo religioso brasileiro tem se tornado um espaço rico para o desenvolvimento de pesquisas das mais variadas áreas.

A busca por reconhecimento da importância da cultura afro-brasileira, assim como a maior visibilidade que o tema da ampliação dos direitos aos homossexuais recebeu da sociedade brasileira durante as últimas décadas serve para destacar as

---

<sup>10</sup> A igreja entende que a tendência homossexual não é pecado, apenas a prática é entendida como tal. Segundo o documento da Congregação para a Educação Católica do dia 31 de agosto de 2005 que estabelece critérios para a aceitação de seminaristas, aqueles que têm tendências homossexuais fortemente enraizadas não são permitidos, assim como os que são favoráveis a uma cultura gay, também não podem ser admitidos nos seminários. Após os inúmeros escândalos envolvendo a Igreja, o papa Bento XVI decretou publicamente a interdição do sacerdócio a homossexuais e nomeou dom Cláudio Hummes prefeito da Congregação para o Clero, entre outras coisas, devido a seu reconhecido controle sobre o homossexualismo nos seminários da Arquidiocese de São Paulo (SOUZA, 2007).

demandas de tais grupos, mas também serve aos interesses de grupos tradicionais que pregam a valorização de um modelo de família heterossexual pautado em um padrão religioso e uma moral sexual responsável por construir um discurso de verdade que desconsidera as demais práticas tanto sexuais quanto religiosas. São criados então mecanismos que estabelecem formas de capturar as dissidências tornando possível corrigi-las e adequá-las ao discurso dominante.

O combate às religiões afro brasileiras aparenta ser uma busca para estabelecer o controle sobre o que desde os primórdios é um dos principais bens no mercado religioso brasileiro, as mediações mágicas e a experiência de viver o sagrado fisicamente através do transe. A Renovação Carismática Católica busca retomar esta experiência vivida no próprio corpo, promovendo uma espécie de antropofagia com relação a um aspecto que apesar de também estar inscrito na tradição cristã, no Brasil, tradicionalmente esteve sob a hegemonia das religiões afro brasileiras. O combate às religiões afro brasileiras ao que parece é menos uma estratégia para retirar fiéis deste seguimento, apesar de exercer essa função, e mais uma forma de captar fiéis que buscam uma experiência com aspectos “mágicos”. E melhor, sem o incomodo das representações depreciativas, pelo fato de gozarem da legitimidade social que o catolicismo usufrui em nosso país.

Não nos coube aqui discutir as diferenças entre o transe do Espírito Santo largamente praticado entre os carismáticos, e o praticado nas religiões afro-brasileiras. O fato é que, ambos buscam estabelecer no próprio corpo uma experiência com o divino de forma direta. O pentecostalismo católico é responsável por trazer de volta a experiência que proporciona a seus fiéis uma relação de intimidade com o sagrado. O êxtase religioso que já a algum tempo havia sido afastado do catolicismo tradicional, em decorrência de uma maior valorização da conversão racional, passa a ser reconduzido a um lugar de destaque. Pode-se atribuir este fato à necessidade de aproximação com as camadas populares, usuárias tradicionais e simpatizantes das experiências místicas correlatas ao transe, comuns no candomblé e na umbanda.

Ao tentar expor à sociedade a existência de uma entidade maligna capaz de determinar os rumos da humanidade, a RCC vem relegar aos indivíduos um papel

coadjuvante em suas próprias vidas, sugerindo assim uma espécie de imobilismo, resultante da incapacidade de transformar sua realidade que é alvo de uma disputa entre o bem e o mal. É neste momento que os carismáticos entram em ação com seu discurso. Através de suas pregações e suas reuniões de cura e libertação delegam para si o papel de condutores da sociedade em um mundo cercado pelas artimanhas do inimigo, onde, o caminho da salvação só pode ser encontrado através da aceitação dos preceitos por eles pregados, muitas vezes intolerantes e com fortes traços eugênicos, “afinal, a conversão da margem valoriza o centro” (SILVA, 2006:225).

Em muitos casos cria-se uma situação onde os discursos são transformados em mercadorias e redistribuídos à sociedade que as consome por meio das mídias digitais, da literatura, e demais produtos comercializados pelos mais variados canais de distribuição.

Concluimos nossa análise reiterando a riqueza que o campo religioso brasileiro tem revelado para os pesquisadores. Por isso mesmo defendemos a necessidade de analisá-lo com cautela, pois, o ofício do historiador deve tornar-se uma forma de questionar posturas preconceituosas tornando-se um mecanismo colaborador para o desenvolvimento da sociedade como um todo. Dessa forma cabe a nós escolhermos que caminhos serão trilhados no futuro, o do avanço em direção à tolerância e a compreensão da riqueza que a diversidade das práticas humanas representa, ou do retrocesso representado por posturas que pregam a intolerância e o desrespeito à diversidade.

Ficou claro que a Renovação Carismática dialoga com uma cultura midiática e coloca a disposição da sociedade brasileira um discurso acerca da homossexualidade e das religiões afro brasileiras que, ao mesmo tempo em que procura afirmar os posicionamentos historicamente assumidos pela Igreja Católica, dialoga com a contemporaneidade ao fazer uso de técnicas modernas de evangelização. Ao apropriar-se dos embates sociais os carismáticos adquirem a matéria prima necessária para ofertar no mercado religioso brasileiro conteúdos simbólicos que são comercializados e transformados em mercadorias dialogando assim com aspectos de uma cultura de consumo.

## FONTES

ABIB, Jonas. *Sim, Sim! Não, Não!* São Paulo: Canção Nova, 2003.

AUGUSTO, José. *O Meu Lugar é o Céu*. São Paulo: Canção Nova, 2003.

AQUINO, Felipe. *Jovem, Levanta-te !* São Paulo: Cleófas, 2004.

DUNGA. *Jovem, o caminho se faz caminhando*. São Paulo: Canção Nova, 2005.

## REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. *As religiões Africanas no Brasil*. 2 vols. São Paulo: Pioneira, 1975.

BIRMAN, Patrícia. *Fazer Estilo Criando Gêneros: Possessão e diferenças de gênero em terreiros de Umbanda e candomblé no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, UFRJ, 1995.

\_\_\_\_\_. Percursos afro e conexões sociais: negritude, pentecostalismo e espiritualidade In: *As religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

BOURDIER, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. *A Economia das Trocas Linguísticas*. São Paulo: Edusp, 1996.

CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: Origens, mudanças e tendências*. 2ed. Aparecida: Editora Santuário, 2000.

ENGEL, Magali. História e Sexualidade. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 297 a 312.

FRY, Peter. Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros. IN: *Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982 p. 54 – 86.

\_\_\_\_\_. Da Hierarquia à Igualdade: A construção histórica da homossexualidade no Brasil. IN: *Para Inglês Ver: Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982 p. 87 a 113.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed, Rio de Janeiro: LTC, 1983.

GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. Trd. Rosa Freyre D'aguaiar – São Paulo: Cia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ed. Rio de Janeiro: DT&A, 2005.

HELMINIAK, Daniel. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. Trad. Eduardo Teixeira Nunes. São Paulo: Summus, 1998.

MOTT, LUIZ. *O sexo proibido: Virgens, Gays e Escravos nas Garras da Inquisição*. Campinas: Papyrus, 1988.

\_\_\_\_\_. *Escravidão Homossexualidade e Demonologia*. São Paulo: Ícone, 1998.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2002.

PRANDI, Reginaldo. *Os Candomblés de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1991.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Transes em trânsito – Continuidades e rupturas entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras In: *As religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. *Tópico dos Pecados: Moral Sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.